

O DISCURSO ÉTICO EM O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Vincenzo Di Matteo*

“La psychanalyse possède aussi une échelle de valeurs, mais elle ne vise qu’à établir avec succès en rôle de mediateurs entre les revendications de la vie pulsionnelle (du ça) et celles du monde extérieur, donc entre le réalités intérieure et extérieure”.¹

Apresentação

O que acontece quando se aproxima Ética filosófica e Psicanálise? De um lado é presumível esperar um curto-circuito teórico que provavelmente vai “queimar” um dos dois discursos ou, na melhor das hipóteses, uma aporia intransponível que os conserva a ambos, mas mantendo-os numa radical incomunicabilidade. Por outro, se o otimismo não for excessivo, é legítimo esperar um enriquecimento mútuo. Esse, porém, somente é possível após superar o seguinte paradoxo: em quanto ciência, a Psicanálise não se ocupa do mundo do “Sollen” e dos valores. Privilegia o mundo dos fatos e, entre estes, o determinismo do nosso psiquismo, parecendo desta maneira inviabilizar qualquer discurso ético de natureza filosófica.

Contrariando uma longa tradição filosófica, cuja reflexão ética se enraizou sempre na “reta razão”, a Psicanálise parece resgatar o desejo humano, colocando-o no centro de sua prática e de suas referências teóricas concernentes à moral e à

* O Prof. Vincenzo Di Matteo é doutorando em Filosofia na UFMG.

¹ FREUD, S. Carta a Romain Rolland. In: *Correspondance: 1873-1939*. Gallimard, 1960, p.429.

ética. Mas, o que se entende por Ética do desejo? A resposta a essa pergunta exigiria uma análise do volumoso corpus freudiano e da imensa literatura psicanalítica posterior. Quem já ensaiou algumas reflexões a respeito foi J. Lacan no seu Seminário dedicado à Ética da Psicanálise e ao qual remetemos o leitor interessado neste assunto específico.² Aqui me limitarei à análise do discurso ético como ele se encontra numa das obras mais famosas do fundador da Psicanálise, *O mal-estar na civilização*.³ Mas por que este texto?

Podemos apresentar pelo menos três motivos. O primeiro se prende ao fato desta obra ser considerada clássica na literatura psicanalítica pela sua ousadia em abordar um tema, o da cultura, aparentemente tão distante de suas origens clínicas. O segundo, assenta sobre a constatação de que no livro mencionado reencontramos muitos dos conceitos que formam a constelação conceitual da Ética filosófica: origens da Ética⁴, suas funções⁵, suas forças motivadoras⁶, o conflito entre o bem e o mal⁷, a problemática da justiça⁸, do sentimento de culpa⁹, do amor ao próximo¹⁰ e da consciência moral¹¹. Sem contar com os outros significantes de proveniência ético-cristã: Deus¹², diabo,

² LACAN, J. *O Seminário. Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. In *Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1978, pp. 131-194.

⁴ *Ibidem*, p. 157; 177ss.

⁵ *Ibidem*, p. 192.

⁶ *Ibidem*, p. 151.

⁷ *Ibidem*, p. 175.

⁸ *Ibidem*, p. 155.

⁹ *Ibidem*, p. 176; 179; 182.

¹⁰ *Ibidem*, p. 160; 165.

¹¹ Cfr. *ibidem*, cap. VII e VIII.

¹² *Ibidem*, p. 173.

tentação, pecado,¹³ abstinência, penitência, castigo¹⁴, redenção¹⁵, mandamento do amor ao próximo¹⁶. Finalmente, o terceiro motivo decorre do fato de que *O mal-estar* nos permite situar com mais clareza o discurso ético freudiano no contexto da tradição ética do Ocidente. Esse mal-estar na civilização não seria, por acaso, o mal-estar da modernidade gerado pelo fracasso da utopia iluminista?¹⁷ Sem ter a pretensão de uma análise tão abrangente, me limitarei, num primeiro momento, pretendo realizar uma leitura corrida do texto, rastreando e pontuando as passagens onde Freud tematiza a problemática ética, apenas preocupado em situar este discurso com a trama central do texto. Deixarei para a segunda parte a tentativa de captar as inquietações éticas de Freud, identificar os interlocutores éticos de Freud e o lugar onde situar o seu discurso ético dentro da tradição cultural do Ocidente. Finalmente, pergunto pelas eventuais novidades e contribuições desse discurso para o debate ético contemporâneo.

1. O Discurso Ético no Mal-Estar

1.1 - Como ler *O mal-estar na civilização*?

A pergunta é procedente porque existem várias chaves de leitura do texto em análise. Pode ser considerado como um ensaio filosófico, ou de psicanálise aplicada, ou de metapsicologia. As várias leituras são possíveis e os argumentos a favor de uma ou de outra interpretação não parecem ser determinantes para dirimir as dúvidas.

¹³ *Ibidem*, respectivamente, p. 174; 178; 186.

¹⁴ *Ibidem*, p. 178.

¹⁵ *Ibidem*, p. 186.

¹⁶ *Ibidem*, p. 165ss.

¹⁷ ROUANET, S. Dilemas da moral iluminista. In NOVAES, A. (Org.) *Ética*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 101.

A linguagem e o estilo do texto, por exemplo, estão mais próximos do “romantismo” do que do “cientismo”. Indícios internos parecem justificar uma aproximação do texto a uma reflexão filosófica despretensiosa. Assim, por exemplo, Freud privilegia o sentido comum de certos termos básicos de sua exposição¹⁸; pede desculpas mais de uma vez por não dizer nada de novo¹⁹; enfim, a própria natureza filosófica de vários temas abordados: religião²⁰, felicidade²¹, sentido da vida²², conflitos éticos²³.

De outro ponto de vista, o texto parece legitimar a interpretação de que estamos diante de uma aplicação da Psicanálise à última das fronteiras que lhe restava conquistar. Após as investidas no mundo da arte, da religião e da moral em separado, uma análise sistemática do fenômeno cultural no seu todo. Nesse sentido parecem orientar-se os dois historiadores mais qualificados de Freud: E. Jones e P. Gay²⁴.

Segundo Lacan, porém, o texto não é um ensaio sociológico, mas uma “obra essencial, primeira na compreensão do pensamento freudiano e somação de sua experiência”²⁵. Nesse mesmo sentido parece que deve ser colocada a interpretação de Ricoeur segundo o qual, com a introdução da pulsão de morte, Freud nos pôde oferecer uma ‘teoria metacultural’ ao “perceber o sentido da cultura como tarefa única, sob a qual se ordenam os fenômenos parciais da arte, da moral e da religião...”²⁶.

¹⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. O.c., p.138; 139; 156.

¹⁹ *Ibidem*, p.148; 156; 171; 178 (n.10).

²⁰ *Ibidem*, 145; 147.

²¹ *Ibidem*, p.141.

²² *Ibidem*, p.140ss.

²³ *Ibidem*, 155-156; 161ss. 169-170; 190.

²⁴ Cfr., respectivamente, JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p.704 e GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.496.

²⁵ LACAN, J. *O Seminário. Livro 7*. O.c., p.15-16.

²⁶ RICOEUR, P. *Da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p.217.

Após essa rápida apresentação das várias chaves de leitura possíveis penso que não seja imprescindível uma definição prévia, a favor de uma ou de outra, para entender o que Freud tem a nos dizer. Mais importante, parece-me, é a articulação deste discurso com a dinâmica interna do texto.

1.2 - O Tema Ético na Dinâmica Interna do Texto

1.2.1 - O Tema Central

O livro se compõe de oito capítulos que recobrem umas 60 e poucas páginas. Não é, portanto, muito grande, mas consegue reunir uma série de temas que parecem disputar entre si a atenção do autor e do leitor. O próprio Freud, numa carta a Lou Andreas Salomé, nos oferece uma lista: civilização, sentimento de culpa, felicidade e outras ‘coisas elevadas’²⁷. Entre estas últimas certamente encontra-se a religião e, naturalmente, a Ética. Mas qual é o fio de Ariadne para se orientar nesse labirinto de temas? Após nos ter conduzido por “regiões ásperas” e “desconfortáveis détours”, encontra-se no último capítulo quando finalmente Freud nos diz onde nos queria levar: “minha intenção [era] de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa”²⁸.

Tendo presente esse fio condutor é possível agora compreender como os vários temas se arrumam num todo orgânico e, especificamente, como o tema ético é articulado primeiro com Eros e depois com Tánatos.

²⁷ Cfr. FREUD, S. *Correspondance: 1873-1939*. Gallimard, 1960, p.424.

²⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. O.c., p.185.

1.2.2 - O Discurso Ético numa Erótica da Existência e da Cultura

O livro se abre retomando o tema central de *O futuro de uma ilusão*: a religião. Mas o que ela teria a ver com *O mal-estar*? A resposta a encontramos no cap. II, quando o autor passa a descrever a 'dureza da vida e a tríplice fonte de sofrimento para o homem: nosso corpo, mundo externo e relações sociais'²⁹.

Para se defender do sofrimento, o ser humano inventou várias "técnicas" ou "artes de viver". Entre elas, a religião. Esta, porém, é questionada por apresentar-se como detentora do sentido da existência³⁰ e por "restringir esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento"³¹. O ideal para Freud é diversificar as técnicas de viver, privilegiando uma erótica, uma estética e uma pragmática da existência sobre uma saída mística, neurótica ou uma psicótica³².

No cap. III retoma a pergunta pelas razões da dificuldade para o homem ser feliz. Uma retém sua atenção: "... o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça"³³. Mas em que sentido o sofrimento decorrente de nossas relações sociais parece ter a mesma necessidade do sofrimento que se origina do mundo externo e do nosso corpo?

É precisamente neste momento, em que descreve as características e as exigências da civilização, que o tema ético se anuncia. Entre as exigências da cultura - tais como beleza, limpeza, ordem - Freud coloca a estima e o incentivo aos

fenômenos superiores da cultura - religião, filosofia, arte, ciência - e, finalmente, o que se poderia chamar de "ideais do homem, suas idéias a respeito de uma possível perfeição dos indivíduos, dos povos, ou da humanidade como um todo, e as exigências estabelecidas como fundamento nessas idéias"³⁴. Já neste primeiro momento Freud não perde a oportunidade de lembrar que a gênese desses fenômenos ditos superiores se radica numa necessidade humana e que, portanto, como as demais atividades humanas, são filhas da utilidade e do prazer.

Uma outra exigência da civilização, aliás a primeira, é a da justiça. A civilização nasce exatamente no momento em que a lei do mais forte é substituída pela lei da maioria. O direito da força bruta cede lugar à força do direito cultural. Surpreendentemente, porém, Freud conclui seu raciocínio afirmando que "isso não acarreta nada quanto ao valor ético de tal lei"³⁵. O que ele quis dizer com isso?

O salto que o homem deu da lei natural da força bruta para a lei da ordem da cultura, não eliminou o desejo de liberdade por parte dos indivíduos. "Um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se esse conflito é irreconciliável"³⁶. Quais seriam os sacrifícios que a "frustração cultural"³⁷ impõe a seus membros para a continuação da civilização? No cap. IV são analisadas as restrições quanto à sexualidade humana: proibição do incesto e da sexualidade polimorfa; restrições até para a sexualidade genital heterossexual; transformação da pulsão erótica em amizade pela inibição de sua finalidade sexual.

Até esse capítulo, a resposta à pergunta sobre o mal-estar parece repousar numa problemática erótica. O conflito

²⁹ Ibidem, p. 141.

³⁰ Ibidem, p. 140.

³¹ Ibidem, p. 147.

³² Ibidem, p. 142-147.

³³ Ibidem, p. 148.

³⁴ Ibidem, p. 154.

³⁵ Ibidem, p. 155.

³⁶ Ibidem, p. 156.

³⁷ Ibidem, p. 157.

basicamente se dá entre as exigências culturais que retiram da pulsão erótica as energias necessárias para manter cimentada a comunidade humana num certo amor libidinal e a reivindicação por parte dos indivíduos - a bem da verdade mais das mulheres do que dos homens - a um amor exclusivo. É só no cap. V que se anuncia a contradição básica entre indivíduo e civilização e que parece irreduzível a qualquer conciliação.

1.2.3 - O Discurso Ético no Horizonte da Pulsão de Morte

Um mandamento impossível de ser cumprido e injusto se o for, chama a atenção de Freud: amarás teu próximo como a ti mesmo. Na realidade, as objeções a esse mandamento já se anunciam no capítulo anterior, quando Freud questiona o amor universal pela humanidade como expressão do mais alto nível ético que o homem pode alcançar³⁸. Elas são fundamentalmente de duas ordens: umas mais narcísicas, outras mais relacionadas com a justiça³⁹.

Amar a todo mundo, nos diz Freud, é desvalorizar algo que não se deve jogar fora sem reflexão. O outro deverá merecer este amor ou por ser semelhante a nós e nos amar nele ou por ser superior e assim amar nele nosso eu ideal. Amar a um estranho não é apenas difícil; mas injusto, visto que desvalorizaria o amor concedido aos mais íntimos. Além do mais, em geral, o outro é indigno do nosso amor porque se ele pudesse não hesitaria em levar vantagem e nos prejudicar. Qual seria, portanto “o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável?”⁴⁰.

O elemento de verdade é que os homens ‘não são criaturas gentis’, mas possuidoras de uma carga de agressividade que a civilização deve neutralizar por meio desta forma psíquica reativa de amor ao próximo. A única agressividade permitida é a que Freud chama de “narcisismo das pequenas diferenças” e que cimenta a coesão de um grupo ao preço de encontrar um bode expiatório sobre o qual descarregar a própria agressividade, seja este o judeu, o burguês, uma minoria ou qualquer outro grupo étnico diferente.⁴¹

Agora podemos compreender porque é difícil ser feliz. Os sacrifícios exigidos pela civilização não se restringem à sexualidade, mas se estendem à agressividade. É no cap. VI que Freud, finalmente, nos diz porque nossa pretensão à felicidade dentro da cultura está irremediavelmente ameaçada. Há uma pulsão original e auto-subsistente⁴², uma “inata inclinação humana para a ‘ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade’⁴³. O nome mítico de Tánatos foi escolhido para indicar essa pulsão que rivaliza com a de Eros numa verdadeira “batalha de gigantes”⁴⁴.

Chegamos, assim, ao cap. VII, um capítulo chave porque o discurso ético se torna explícito, mesmo que sempre sustentado pelo discurso psicanalítico. É explicado qual é o mecanismo encontrado pela cultura para “inibir” ou “tornar inócua”, ou “se livrar” da agressividade; é dada a definição do sentimento de culpa; descreve-se sua gênese e suas expressões⁴⁵; são analisados alguns paradoxos existentes no campo da ética, “tão cheio de problemas”⁴⁶.

⁴¹ Ibidem, p. 169.

⁴² Ibidem, p. 175.

⁴³ Ibidem, p. 173.

⁴⁴ Ibidem, p. 175.

⁴⁵ Ibidem, p. 176.

⁴⁶ Ibidem, p. 178.

³⁸ Ibidem, p. 160.

³⁹ Ibidem, p. 165.

⁴⁰ Ibidem, p. 165-166.

1.2.4 - Sentimento de Culpa e Superego

O sentimento de culpa ou 'ansiedade social' só é possível se admitirmos a existência de uma consciência prévia que sabe o que é bem (a fazer-se) e mal (a evitar-se). Ora, é ponto pacífico para Freud que "podemos rejeitar a existência de uma capacidade original, por assim dizer, natural de distinguir o bem do mal"⁴⁷. O que é considerado mal não o é necessariamente para o Ego. Ao contrário, às vezes lhe parece algo desejável e prazeroso. De onde vem, então, essa "influência estranha" que vai determinar o bem e o mal? Para Freud ela tem dois nomes: desamparo infantil e anseio pelo pai. Em outras palavras, os motivos que nos levam à submissão a esta influência estranha são a dependência infantil e o conseqüente medo de perder o amor e a proteção do pai. Nesta ótica "mau é tudo aquilo que, com a perda do amor nos faz sentir ameaçados"⁴⁸.

Inicialmente, portanto, renunciamos à satisfação pulsional por medo de perder o amor de uma autoridade externa, sem que isso implique em sentimento de culpa. É só com a introjeção da autoridade externa (formação do superego) que, mesmo renunciando à satisfação do desejo, pagaremos este preço pelo simples fato de termos desejado. O herdeiro do "olho de Deus", o superego, além de vigiar, censurar, punir, é também onisciente, "nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos"⁴⁹. De nada adianta a virtude, porque não será automaticamente recompensada com a certeza do amor. Assim, a infelicidade externa infantil, pela perda do amor ou por medo do castigo de uma autoridade externa, se transforma numa permanente infelicidade interna por um sentimento de culpa. Sempre culpados, ou por causa da satisfação do desejo ou apesar de sua renúncia.

1.2.5 - Os Paradoxos Éticos

Talvez a dinâmica do superego possa ajudar a explicar e compreender alguns paradoxos éticos. Por que, quanto mais santas, mais pecadoras as pessoas se consideram? Por que a má-sorte é percebida como uma espécie de castigo? Por que uma criança, educada sem muito rigor, mesmo assim desenvolve um superego rígido?

Quanto ao primeiro paradoxo sua compreensão se evidencia se prestarmos atenção ao fato de que quanto mais alguém renuncia à tentação (não satisfaz o desejo), tanto mais a frustração das pulsões é geradora de novas tentações (desejos). Considerando-se o fato de que para o superego a simples intencionalidade é já pecaminosa, só resta ao Ego agüentar a ferocidade do superego que se expressa pelo sentimento de culpa. Parafraseando Nelson Rodrigues poderíamos dizer: "Todo desejo será castigado".

Com relação ao segundo paradoxo, a sua compreensão reside no fato de que o Ego, diante de um Infortúnio que se abate sobre o indivíduo, não se sente mais amado por esse poder misterioso do Destino, muitas vezes identificado com a Vontade de Deus. Busca, então, sua alma, a reconhece pecadora e merecedora de castigo⁵⁰.

Enfim, o terceiro paradoxo nos obriga a questionar a gênese da consciência moral e de sua rigidez. Essa, por exemplo, não é sempre, necessariamente e diretamente proporcional à severidade com a qual a figura parental lidou com a agressividade da criança. Tudo indica que a primeira explicação - que Freud denomina de genética ou histórica - não dá conta do fenômeno. Uma segunda hipótese é levantada. A severidade do nosso superego "representa antes nossa própria agressividade para com ele [objeto ou figura de nossas frustrações pulsionais]"⁵¹. De

⁴⁷ Ibidem, p. 177.

⁴⁸ Ibidem, p. 177.

⁴⁹ Ibidem, p. 177.

⁵⁰ Ibidem, p. 178.

⁵¹ Ibidem, p. 181.

modo que se deve concluir que “na formação do superego e no surgimento da consciência, fatores constitucionais inatos e influências do ambiente real atuam de forma combinada”⁵².

1.2.6 - Culpa Filogenética e Culpa Ontogenética

No final do capítulo, Freud articula o sentimento de culpa do indivíduo na perspectiva filogenética do assassinato do pai primitivo. Na origem, a agressividade foi consumada. No complexo de Édipo permanece apenas no desejo. Mesmo assim, há um igual sentimento de culpa. Por que?

Na realidade, o “remorso” dos filhos que assassinaram o pai da horda não implica uma existência prévia da consciência. Ele é a expressão da “ambivalência primordial de sentimentos para com o pai. Seus filhos o odiavam, mas também o amavam. Depois que o ódio foi satisfeito pelo ato de agressão, o amor veio para o primeiro plano, no remorso dos filhos pelo ato”⁵³. O que se teria dado na origem se repetiria nas intenções individuais dentro da tríade edípica. Se todos estamos condenados à culpa, é porque ela é expressão tanto de um assassinato, quanto do simples conflito amor-ódio. Se, enfim, considerarmos a civilização como uma grande família, cujos pais são Eros e Ananke, aquela só poderá subsistir e progredir a custa de “um crescente fortalecimento do sentido de culpa”⁵⁴.

É verdadeiramente surpreendente a insistência sobre o tema da culpa. É anunciado e explicado no começo do cap. VII, “abordado de outro ângulo”, “ao risco de me repetir” - diz Freud logo mais adiante⁵⁵ - e novamente é retomado no cap. VIII onde, além de confessar que o espaço significativo dado ao sentimento de culpa respondia de fato ao que ele se propunha, isso é mostrar

que ele é “o mais importante problema no desenvolvimento da civilização”⁵⁶, o confronto com outros termos correlacionados: superego, consciência, necessidade de punição, remorso⁵⁷.

1.2.7 - Ética e Terapêutica

Chega-se, assim, ao final do cap. VIII onde Freud procede a uma análise da luta de Eros com a pulsão de morte, nos três níveis do biológico, do psicológico e do cultural.

De um ponto de vista ético não podemos deixar de registrar uma espécie de ética egoísta de felicidade que parece presidir o processo do desenvolvimento do indivíduo e de uma ética altruística que domina o processo civilizatório. Para esse último, o que importa é a criação e a manutenção da unidade dos seres humanos. A felicidade dos indivíduos permanece em segundo plano. Não está descartada a possibilidade de uma certa conciliação entre o que poderíamos chamar de ética individualista da felicidade e de ética comunitária da necessidade - conforme a bonita metáfora do planeta que possui um movimento de rotação sobre si mesmo e em torno do astro principal - porque esse conflito ocorre dentro de uma economia da libido mais voltada para o Ego ou para os objetos.⁵⁸ Como o indivíduo pode chegar a um certo equilíbrio, também pode se esperar que isso venha acontecer no futuro com a civilização.

As exigências quanto ao relacionamento que deve existir entre os homens são agrupadas sob o nome de Ética e diz respeito ‘ao que há de mais doloroso na civilização’ e pode ser considerada como uma ‘tentativa terapêutica’ de conseguir uma harmonia que até agora nenhuma outra atividade cultural conseguiu.⁵⁹ O problema surge a partir da rigidez e das

⁵² Ibidem, p.181.

⁵³ Ibidem, p.183.

⁵⁴ Ibidem, p.183.

⁵⁵ Ibidem, p.180.

⁵⁶ Ibidem, p.185.

⁵⁷ Ibidem, p.187.

⁵⁸ Ibidem, p.190.

⁵⁹ Ibidem, p.191.

exigências exageradas do superego cultural. “O Id - nos relembra Freud - não pode ser controlado além de certos limites. Caso se exija mais de um homem, produzir-se-á nele uma revolta ou uma neurose ou ele se tornará infeliz”⁶⁰.

Então, qual seria a Ética de que Freud é partidário? Ele nos apresenta três éticas. A primeira, que ele chama de ‘natural’, exigiria o cumprimento das exigências do superego cultural que nos recompensaria com a satisfação narcísica de nos sentirmos melhores do que os outros. A segunda, a ética religiosa, nos promete uma recompensa futura. A ética, porém, na qual Freud acredita é a que exige uma recompensa da virtude aqui na terra. Nesse sentido, emenda, “uma mudança real nas relações dos seres humanos com a propriedade seria de muito mais ajuda do que quaisquer ordens éticas”⁶¹.

Estaria Freud esboçando alguma proposta revolucionária? Não. Decididamente ele não é um profeta: “... não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta: curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum, pois, no fundo, é isso que todos estão exigindo, e os mais arrebatados revolucionários não menos apaixonadamente do que os mais virtuosos crentes”⁶².

2. Uma Interpretação

Até aqui escutamos o discurso ético freudiano assim como se materializou no texto escrito do Mal-estar. Mas o que podemos ler nas entrelinhas? Quais as interrogações e as inquietações éticas do homem e do pensador Freud? Com quem parece estar dialogando ou polemizando? O que ele traz de novo

para a ética filosófica? Onde situar o seu discurso na tradição, ética do Ocidente?

A resposta a estas questões serão apenas esboçadas, mas sempre a partir do que o texto freudiano parece legitimar. Nesse sentido penso de não estar longe da verdade ao afirmar que o acerto de contas é com a Ética filosófica, aristotélica em particular, e a Ética religiosa de inspiração cristã.

2.1 - O Acerto de Contas com a Ética Aristotélica

Para Lacan, é impossível avançar nas questões colocadas pela ética psicanalítica sem uma referência à *Crítica da Razão Pura* de Kant⁶³. Não será, porém, a ética deontológica que aqui vai ser convocada. Kant foi citado apenas para mostrar que o diálogo ou a polêmica de Freud não se restringe a Aristóteles, apesar desse contracenar com o discurso ético freudiano, mesmo sem nunca ser citado explicitamente.

2.1.1 - Uma Ética de Senhores e Escravos

A obra de Aristóteles é um marco decisivo e fundante de toda reflexão ética do Ocidente. Estudos relativamente recentes permitem situar sua reflexão dentro do percurso evolutivo de suas teorias e compreender melhor certas limitações.⁶⁴

Uma leitura baseada tanto numa análise histórica quanto numa análise interna da obra permite identificar com facilidade a ideologia que perpassa sua reflexão ética. O que mais pode chocar nossa sensibilidade moderna e democrática é uma certa defesa de desigualdades sociais que vão do mundo familiar até o mundo político: superioridade dos pais com relação aos

⁶⁰ Como exemplo dessa exigência descabida, Freud cita o mandamento do amor ao próximo, “impossível” de ser cumprido. Ibidem, p.192.

⁶¹ Ibidem, p.192.

⁶² Ibidem, p.193-194.

⁶³ LACAN, J. *O Seminário. Livro 7. O.c.*, p.92.

⁶⁴ Cfr. JAEGER, W. *Aristoteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1946.

filhos, dos maridos com relação às esposas, dos senhores com relação aos escravos. Mais do que isso, porém, o que é inaceitável é sua visão aristocrática da realização humana, a qual só pode encontrar sua expressão plena num grupo restrito de pessoas, reis, aristocratas, os filósofos e os homens magnânimos. Se a felicidade só é possível através de uma conduta que se pauta pela reta razão e a felicidade perfeita é filha de uma atividade contemplativa, mais excelente do que a ativa (trabalho), daí resulta que automaticamente dela estão excluídos os escravos e a grande massa dos não intelectuais, incluindo crianças e mulheres. Se todos têm acesso aos prazeres corporais, inclusive o escravo, o da felicidade é um privilégio de poucos, isso é dos que exercem e cultivam sua razão e entre eles o filósofo será presumivelmente o mais feliz dos homens e o mais caro aos deuses.⁶⁵

À sociedade escravocrata parece corresponder uma psicologia escravocrata quanto às relações que governam a razão e o desejo. O mundo dos desejos não é banido do horizonte humano. Os desejos que aceitem o império da razão serão assumidos e terão cidadania no mundo propriamente humano que é o mundo ético. Há, porém, um grupo de desejos que não são reconhecidos como humanos, permanecem ao nível da bestialidade e não conseguem ultrapassar o limiar da esfera ética.

2.1.2 - De uma Felicidade para Poucos a uma Infelicidade para Todos

Freud partilha com Aristóteles a convicção de que é a felicidade que o homem busca no seu agir. Enquanto, porém, no filósofo grego a felicidade parece encontrar-se ao alcance do homem livre e magnânimo, na ordem natural do prazer, na esfera psicológica da amizade e no mundo da polis, para Freud não

somente não está inscrita na ordem da “criação”, mas tanto o macrocosmo como o microcosmo lhe se opõem⁶⁶ Acossado por Ananke, frustrado na sua sexualidade e na sua agressividade pela cultura, o deus de prótese que o homem se tornou é um deus infeliz.⁶⁷ À uma felicidade elitizada de Aristóteles, corresponde, em Freud, uma infelicidade democratizada e intransponível.

2.1.3 - Prazeres Bestiais e Desejos Inconscientes

Ao focalizar sua pesquisa no submundo dos desejos, a Psicanálise se apresenta com um discurso inovador. A novidade não consiste apenas em privilegiar o desejo na sua investigação, nem de ter reconhecido que todos os desejos são humanos. Neste sentido a famosa frase de Terêncio de que nada do que é humano lhe é estranho, é a prova mais evidente que não cabe à psicanálise esta prioridade. O que é específico da psicanálise é a tese da existência de desejos inconscientes que se impõem ao indivíduo à sua revelia. O fato fundamental é que não há Bem Supremo na ética freudiana. O bem supremo do desejo é severamente proibido, é um tabu, o do incesto e não há outro bem supremo que possa apaziguar a libido, mesmo alcançando a sua maior e melhor expressão na sexualidade heterogenital.

A outra pulsão, a da agressividade deve ser neutralizada para fins culturais, acarretando uma tirania do superego que pode levar o sentimento de culpa a níveis insuportáveis. Tudo isso remete a este paradoxo: os prazeres bestiais devem ser incorporados ao mundo humano e, portanto, ao mundo ético, mas sua satisfação deve ser interdita. Mesmo que os interditos culturais sejam transgredidos, há uma infelicidade intransponível inerente à própria pulsão.

⁶⁵ Cfr. ARISTÓTELES, *Ética à Nicômaco*. Trad. de Leonel Vallandro e Gerdt Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. S. Paulo: Abril Cultural, 1979, p.232.

⁶⁶ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. O.c., p.141.

⁶⁷ *Ibidem*, p.152.